

DINÂMICA DOS COMPONENTES TRANSITÓRIO E PERMANENTE DOS RENDIMENTOS NO BRASIL DE 1995 A 2009

DOUGLAS MESQUITA CARNEIRO*
IZETE PENGO BAGOLIN**

RESUMO

O objetivo central do trabalho é investigar a dinâmica de rendimentos no Brasil em dois períodos distintos de 1995 a 2002 e 2003 a 2009. A opção por tal divisão reflete o entendimento de que são dois períodos diferentes no que tange à trajetória da economia brasileira. Para alcançar o objetivo, utilizou-se da decomposição de rendimentos em componentes transitório e permanente, proposta por Gottschalk e Moffitt (1994). Foram utilizados os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e foi construído um pseudopainel com coortes definidas a partir do ano de nascimento dos indivíduos. Os resultados apontaram um componente transitório mais elevado no período inicial, acompanhado de queda nos rendimentos e pouca alteração no índice de desigualdade de renda. Já o período seguinte apresentou situação distinta, com o componente permanente sendo levemente superior, juntamente com uma elevação dos rendimentos e melhora expressiva na distribuição da renda.

Palavras-chave: Desigualdade de renda. Dinâmica dos rendimentos. Componentes permanente e transitório.

ABSTRACT

The central objective of the study is to investigate the dynamics of income in Brazil in two distinct periods from 1995 to 2002 and from 2003 to 2009. The choice of division reflects the understanding that they are two different periods regarding to the trajectory of the Brazilian economy. Therefore, we used the decomposition of income into permanent and transitory components, proposed by Gottschalk and Moffitt (1994). The data used are the microdata from PNAD. Given the nature of the data, we built a pseudo panel with cohorts defined from the year of birth of individuals. The results indicated a transitory component higher in the initial period, accompanied by a drop in income and little change in the index of income inequality. Now the following period presented a different situation, with the permanent component higher, together with a rising incomes and significant improvement in income distribution.

Keywords: Income inequality. Earnings dynamics. Permanent e transitory components.

Recebido em: 05-05-2016 Aceito em: 30-11-2016

1. INTRODUÇÃO

Estudos que analisam a dinâmica dos rendimentos por meio de componentes permanente e transitório permitem a identificação do comportamento da renda como sendo resultado de dois fatores distintos, desvios temporários nos rendimentos ou tendência de longo prazo (ZILIAK et al., 2011). Os resultados encontrados a partir de tais análises auxiliam no entendimento de questões que concernem à qualidade de vida e ao bem-estar de indivíduos inseridos em uma determinada sociedade¹. Além de permitir fazer inferência com relação à desigualdade de renda e fatores ligados à estrutura econômica, como o mercado de trabalho.

Para Jenkins (2011b), o componente transitório pode ser visto como um choque idiossincrático que não é previsto pelo indivíduo. Dessa forma, um componente transitório mais elevado está associado a um maior risco, e isso é indesejável. Bartels e Bonke (2010) acrescentam que, quanto maior o risco, menor tende a ser o nível de bem-estar dos indivíduos, pois estes geralmente são avessos ao risco.

Já Ramos (2003) adiciona mais um fator que está relacionado ao componente transitório. Segundo o autor, o rendimento transitório está associado à volatilidade da renda, e esta volatilidade pode ser resultado de uma elevação da instabilidade dos empregos. Já um rendimento permanente mais elevado sugere um

* Doutorando em Economia no Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da PUCRS. E-mail: douglasmcarneiro@hotmail.com; End: Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre – RS

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da PUCRS. Doutora em Economia.

¹ Apesar de estar restrita a uma única dimensão, ainda é expressiva, dada a correlação da renda com demais fatores associados ao bem estar, como educação, saúde, lazer, etc.

mercado de trabalho mais rígido, com menos alterações ao longo do tempo.

O componente permanente também pode estar associado ao comportamento da desigualdade de renda, pois uma predominância deste componente indica uma tendência de longo prazo da renda. Indicando, assim, uma queda ou elevação persistente da desigualdade entre os indivíduos da sociedade analisada.

Observando os diferentes fatores associados à dinâmica dos rendimentos, uma análise dos componentes permanente e transitório torna-se importante não somente por auxiliar na compreensão de questões relacionadas ao bem-estar, mas também na formação de estratégias de políticas públicas eficientes.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar a dinâmica dos rendimentos no Brasil no período de 1995 a 2009, para isso são utilizadas informações das PNAD's, subdividindo-as em dois períodos, 1995-2002 e 2003-2009. Essa subdivisão é feita por entender que se trata de períodos distintos no que tange à trajetória da economia brasileira. No primeiro período, a economia brasileira apresentava uma trajetória de baixo crescimento econômico e retomada da estabilidade macroeconômica; no período subsequente, a economia do país se mostrou mais estável, com menores taxas de desemprego e aumento real do salário mínimo.

Busca-se, assim, compreender e explicar a dinâmica dos rendimentos no Brasil a partir de uma decomposição de rendimentos em componentes transitório e permanente, utilizando a metodologia proposta por Gottschalk e Moffitt (1994). E por intermédio desta, fazer inferência a respeito da trajetória de queda na desigualdade de renda observada no país ao longo dos últimos anos, do comportamento do mercado de trabalho e do impacto no bem-estar dos indivíduos.

Dessa forma, a principal contribuição do presente estudo foi evidenciar, dos componentes transitório e permanente, as alterações ocorridas no mercado de trabalho brasileiro entre os dois períodos analisados. Tais alterações evidenciaram uma redução na variância transitória e, conseqüentemente, uma menor exposição dos trabalhadores aos riscos inerentes às instabilidades.

As principais variáveis aqui utilizadas se referem aos rendimentos, com três diferentes tipos, rendimento mensal do trabalho principal, rendimento mensal de todos os trabalhos e rendimento mensal de todas as fontes.

O artigo será dividido em mais quatro seções. Além desta seção introdutória, será apresentada, na seção 2, uma breve revisão da literatura recente, buscando mostrar, assim, a importância de tais análises, além de uma breve análise da economia em ambos os períodos analisados. Na seção seguinte, será descrita a metodologia utilizada, bem como os dados empregados neste estudo. Na seção 4, faz-se uma análise dos principais resultados encontrados nos exercícios de decomposição. Por fim, na última seção, serão apresentadas as considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Dinâmica dos rendimentos a partir de componentes permanente e transitório

A hipótese da renda permanente remete a Friedman (1957), pois, segundo o autor, os rendimentos possuem dois componentes, um permanente e outro transitório. O primeiro reflete uma parcela constante da renda, enquanto o segundo indica uma volatilidade de curto prazo na renda, que, muitas vezes, são ocasionadas por flutuações cíclicas na atividade econômica.

Mais recentemente, estudos têm sido direcionados à questão da volatilidade dos rendimentos por meio de análises de dinâmica da renda sob a ótica dos rendimentos transitórios e permanentes, elaborando, assim, métodos para verificar qual componente melhor explica a variação da renda.

Para Jenkins (2011a), a variação transitória da renda está associada ao risco, em outras palavras, quanto maior a predominância deste componente, maior tende a ser o risco de flutuações no nível de renda dos indivíduos. Acrescenta, ainda, que a maioria das pessoas deseja uma maior estabilidade nos fluxos de renda, pois esta estabilidade facilita e melhora o planejamento futuro.

Já Moffitt e Gottschalk (2002) sugerem explicações adicionais ao componente transitório, segundo os autores, rendimentos transitórios podem refletir instabilidade no mercado de trabalho, alterações na força de trabalho temporário ou até mesmo a existência de firmas com fortunas flutuantes.

Alterações no componente permanente, por sua vez, está associada a outros fatores. Segundo Haider (2001), uma elevação no componente permanente pode ser explicada, em parte, devido ao persistente aumento dos salários, indicando, no caso da sociedade em questão, uma elevação persistente da desigualdade de renda. Os retornos de educação também explicam essa tendência da desigualdade permanente, segundo o autor, o nível de escolaridade tende a explicar cerca de um terço da elevação do componente permanente.

De acordo com Beach et al. (2010), a relação entre a trajetória da desigualdade de rendimentos e os

componentes transitório e permanente é explicada por meio do fato de que tal trajetória pode ser resultado de uma maior instabilidade nos rendimentos (componente transitório) ou pode ser uma tendência de longo prazo (componente permanente).

Ramos (2003) afirma que as diferenças entre os componentes transitório e permanente têm diferentes implicações econômicas. Para o autor, diferenças permanentes sugerem uma baixa ou nula mobilidade de renda, com uma possível rigidez do mercado de trabalho, em que a posição inicial do indivíduo é decisiva para determinar sua posição na distribuição de rendimentos ao longo do tempo. Já as diferenças transitórias implicam que o ônus da desigualdade possa estar sendo compartilhado de maneira mais igualitária entre os indivíduos. A análise dos dois componentes também indica se a tendência verificada nos rendimentos ao longo dos anos é duradoura ou resultado de choques aleatórios.

Beach et al. (2010) afirmam que a compreensão da dinâmica dos rendimentos por intermédio dos componentes permanente e transitório tem implicações não somente econômicas, mas também políticas. Segundo os autores, pela ótica econômica, o componente permanente está relacionado com ciclo de vida dos indivíduos, e este é afetado por fatores como capital humano, habilidade e padrão de emprego. E o componente transitório reflete fatores transitórios, tais como desemprego cíclico ou friccional, volatilidade no preço de bens primários e volatilidade na performance das firmas. Bartels e Bonke (2013) acrescentam que a globalização e as mudanças institucionais também podem impactar nas alterações de curto prazo dos rendimentos.

Já as implicações políticas do entendimento da dinâmica dos rendimentos se dão via políticas de seguro desemprego, maior qualidade de informações referentes ao mercado de trabalho e políticas de estabilização macroeconômica.

Um dos trabalhos pioneiros no tratamento da dinâmica de rendimentos é o de Gottschalk e Moffitt (1994). Neste, os autores mensuram o crescimento da instabilidade de rendimentos no mercado de trabalho americano para os anos de 1979 a 1987, por meio de decomposição da variância do logaritmo dos rendimentos em componentes transitório e permanente.

Os autores tinham por objetivo, neste estudo, mostrar que parte do aumento da variância dos salários era resultado de uma elevação de curto prazo nos rendimentos. Segundo eles, o debate anterior sugeria que as alterações nos rendimentos estavam relacionadas a um aumento na dispersão da média dos salários, ou seja, alterações no componente permanente. Os resultados mostraram que a elevação na desigualdade de rendimentos foi devida tanto a flutuações de curto prazo quanto ao aumento na dispersão permanente, mostrando, assim, uma consistente elevação na desigualdade de renda durante o período analisado.

O crescente número de estudos relacionados à dinâmica dos rendimentos, partindo do estudo anteriormente citado, principalmente em países como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, tem sido motivado pela elevação da desigualdade de renda verificada nos mesmos (BAKER; SOLON, 2003; BEACH et al. (2010); DYNAN et al., 2012; HAIDER, 2001; SHIN; SOLON, 2008).

Tais análises também foram aplicadas em outros países, como Suécia, Alemanha e Itália (BARTELS; BONKE, 2010; CAPPELLARI, 2004; GUSTAVSSON, 2008) e, em sua grande maioria, os estudos foram feitos com base em dados longitudinais, ou seja, àqueles que acompanham um mesmo indivíduo ao longo do tempo.

Entretanto, muitos países não dispõem desse formato de base de dados, fazendo com que tais análises sejam elaboradas a partir da construção de um pseudopainel. Tal formato de dados consiste em agrupar dados de repetidas pesquisas de corte transversal, agrupando os indivíduos em coortes. Uma coorte é definida como um grupo de indivíduos fixos que podem ser identificados a partir características em comum obtidas nas pesquisas (DEATON, 1985). Essas coortes podem se referir a características, como por exemplo, ano de nascimento e grau de escolaridade.

Dessa forma, análises de dinâmica dos rendimentos também podem ser aplicadas, utilizando pseudopainel por meio de coortes. Trentini (2007) analisou a desigualdade de rendimentos na Argentina durante o período de instabilidade macroeconômica, por intermédio de um pseudopainel. Já Pistolesi (2012) verificou o comportamento da desigualdade e do consumo na França de 1974 a 2005 também fazendo uso de dados de coorte em formato de um pseudopainel.

A utilização dos dados em formato de pseudopainel apresenta vantagens como eliminação do erro de medida individual. Porém, ao utilizá-los, os resultados encontrados em exercícios de decomposição da variância permanente e transitória têm de ser analisados com algum cuidado, pois a utilização de médias de salários de indivíduos com características semelhantes tende a diminuir as estimativas do componente transitório (TRENTINI, 2007); mesmo assim, a autora chama a atenção que estes exercícios apresentam resultados que clarificam a dinâmica dos rendimentos ao longo do tempo.

2.2 A economia brasileira de 1995-2009

Ao analisar a economia brasileira no período acima citado, subdividiu-se este em dois, 1995-2002 e 2003-2009, por entender que se trata de períodos distintos no que tange à trajetória da economia brasileira. O período 1995-2002 foi marcado pela retomada da estabilização concernente ao controle da inflação, entretanto outros problemas continuaram e ou até mesmo se agravaram, como, por exemplo, o baixo crescimento, o aumento no desemprego, a deterioração das contas externas, déficit público.

Giambiagi (2005) trata deste período com distinção em relação aos dois governos FHC. Em um primeiro momento, 1995-1998, a política cambial adotada era rígida, ocorreu crescente dependência do financiamento externo e um grande desequilíbrio fiscal. Já no segundo governo, 1999-2002, as principais características foram câmbio flutuante, redução do déficit em conta corrente e forte ajuste fiscal.

Porém, mesmo com essas medidas adotadas em âmbito de política macroeconômica, o país continuou com vulnerabilidade externa e fragilidade nas contas do setor público. Como reflexo disso, tem-se a dificuldade de se obter um crescimento econômico sustentado e um aumento na taxa de desemprego. Uma vez que a expansão média do PIB no período foi da ordem de 2,4% ao ano, enquanto a taxa de desemprego passou de 5,1%, em 1994 para a 7,2%, em 2002, sendo que, neste intervalo de tempo, o desemprego atingiu taxa máxima de 7,6% (GIAMBIAGI, 2005).

O período seguinte, 2003-2009, pode ser caracterizado pela continuação das reformas estruturais iniciadas no período anterior e também da política econômica baseada em flutuação cambial, metas de inflação e rigidez fiscal, que teve como resultado uma maior estabilidade e um crescimento econômico mais elevado.

De acordo com Curado (2011), de 2003 a 2008, a taxa média de crescimento da economia foi 4,2%, porém, em 2009, como resultado da crise internacional, a economia apresentou variação negativa da ordem de 0,6%. Mesmo assim, o período compreendido entre os anos 2003-2009 apresentou crescimento econômico superior ao período anteriormente analisado. A preocupação com a gestão social também foi questão central neste período, uma vez que se obtiveram menores taxas de desemprego, aumento real do salário mínimo, e redução nos níveis de pobreza (NERI, 2012).

TABELA 1 – Índice de Gini do Brasil a partir dos três tipos de rendimentos utilizados

Variável	Primeiro período			Segundo período		
	1995	2002	Variação percentual	2003	2009	Variação percentual
Índice de Gini do rendimento do trabalho principal	0.563	0.548	-2.66%	0.54	0.507	-6.11%
Índice de Gini do rendimento de todos os trabalhos	0.573	0.558	-2.62%	0.549	0.517	-5.83%
Índice de Gini do rendimento de todas as fontes	0.58	0.567	-2.24%	0.556	0.521	-6.29%

FONTE: PNAD/IBGE. Elaborado pelo autor

Com relação à desigualdade de renda no Brasil, o índice de Gini² calculado a partir dos três rendimentos utilizados – rendimento do trabalho principal, rendimento de todos os trabalhos e rendimento de todas as fontes – apresentou tendência declinante durante o período estudado (tabela 1); mesmo assim, ainda apresenta uma elevada desigualdade de renda. Ao subdividir o período total de análise, notou-se que no inicial, 1995-2002, a queda da desigualdade de renda foi inferior à verificada de 2003-2009.

Após breve análise da economia brasileira de 1995 a 2009, notam-se significativas diferenças entre os períodos 1995-2002 e 2003-2009. Isso atenta para a importância de uma análise separada dos mesmos quando se pretende verificar a dinâmica dos rendimentos no Brasil.

3. DADOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Base de dados

Os dados utilizados neste estudo são oriundos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), a amostra analisada abrange dois períodos distintos, de 1995 a 2002 e 2003 a 2009³. A escolha por tais períodos está atrelada ao fato de serem dois momentos distintos no que diz respeito ao

² Mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo o rendimento utilizado. Varia de 0 a 1, sendo 0 sem desigualdade e 1 desigualdade máxima.

³ Com exceção ao ano de 2000, quando não houve pesquisa, pois foi realizado o censo demográfico.

comportamento da economia brasileira e internacional.

As principais variáveis aqui utilizadas se referem aos rendimentos, com três diferentes tipos, rendimento mensal do trabalho principal, rendimento mensal de todos os trabalhos e rendimento mensal de todas as fontes. Serão analisados somente os rendimentos masculinos, pois a inserção da mulher no mercado de trabalho pode, muitas vezes, ser devido ao efeito trabalhador adicional, o que acarretaria resultados distorcidos a respeito da dinâmica dos rendimentos.

Segundo Haider (2001), a escolha por rendimentos masculinos se deve ao fato de que as mudanças ocorridas na força de trabalho feminina confundiriam a análise dos rendimentos femininos, uma vez que o modelo aborda somente rendimentos, e não trata da questão de entrada e saída do mercado de trabalho.

Também foram excluídos os indivíduos com rendimentos situados nos extremos da amostra, excluindo, assim, aqueles indivíduos situados nos 1% inferior e superior da distribuição. Segundo Gottschalk e Zhang (2010), esse recorte na base de dados reduz os erros de medida, uma vez que estes valores teriam um impacto desproporcional na variância dos rendimentos. Entretanto, é importante ressaltar que a interpretação dos resultados será com base em 98% da distribuição.

Dado o objetivo principal do estudo e as características da base de dados, foi elaborado um pseudopainel com coortes definidas a partir do ano de nascimento (DEATON, 1985), de modo a tentar capturar a dinâmica dos rendimentos em uma base de dados que não acompanha o mesmo indivíduo ao longo do tempo. De acordo com Firpo et al. (2003), existem vantagens na utilização de dados de coorte, tais como a inexistência de problema de viés de sobrevivência da família e a minimização do erro de medida usualmente encontrado em dados em painel, uma vez que a informação da coorte é sempre média.

O grupo etário utilizado para a construção das coortes vai de 25 a 60 anos de idade, sendo que cada coorte compreende dois anos, ou seja, a primeira coorte vai de 25 a 26 anos, a segunda de 27 a 28 anos, e assim, até a última coorte, que têm indivíduos entre 58 e 60 anos. A escolha por tal faixa etária é baseada no entendimento de que os indivíduos têm idade suficiente para terem concluído maior parte de sua escolaridade e são jovens o suficiente para não estarem aposentados (BAKER; SOLON, 2003; GUSTAVASSON, 2008).

3.2 Aspectos metodológicos

Para tratar a questão da dinâmica dos rendimentos no Brasil no período de 1995-2009, a metodologia utilizada será com base no estudo proposto por Gottschalk e Moffitt (1994), em que os autores propõem uma decomposição da variância dos rendimentos em componentes transitório e permanente. Tal decomposição é descrita, inicialmente, por intermédio da seguinte equação:

$$y_{it} = \mu_i + v_{it}, \quad (1)$$

onde y_{it} é definido como o logaritmo do rendimento real do indivíduo i no ano t , já o termo μ_i refere-se aos rendimentos permanentes que não se alteram com t . A variável v_{it} mostra os rendimentos transitórios, que se alteram ao longo do tempo.

Entretanto, para captar a dinâmica dos rendimentos ao longo dos anos é necessário se obter a variância desses componentes, como mostrado na equação a seguir.

$$\text{Var}(y_{it}) = \text{Var}(\mu_i) + \text{Var}(v_{it})$$

Assim, a variância dos rendimentos será igual à soma da variância permanente e da variância transitória.

Dado a inexistência de dados longitudinais no Brasil que possibilitem acompanhar indivíduos ao longo do tempo, a análise foi elaborada por meio de um pseudopainel de coortes definidas por ano de nascimento. Com isso, o cálculo das variâncias é elaborado de maneira diferente.

Segundo Gottschalk e Moffitt (1994), primeiramente se calcula a renda média de cada coorte em cada um dos períodos analisados, de modo a se obter informações referentes à renda permanente. A renda transitória, por sua vez, é obtida calculando o desvio padrão da renda média de cada uma das coortes, dentro de cada período de tempo.

A partir disso, a variância permanente é dada por meio da variância entre as rendas médias das coortes ao longo do período (renda permanente). Já a variância transitória se obtém calculando a variância da renda transitória (desvio padrão da renda média) em cada período.

Segundo Katz e Autor (1999), este modelo é considerado restritivo, entretanto, as análises de dinâmica de renda que utilizaram modelos mais sofisticados chegaram a resultados semelhantes aos encontrados por Gottschalk e Moffitt (1994).

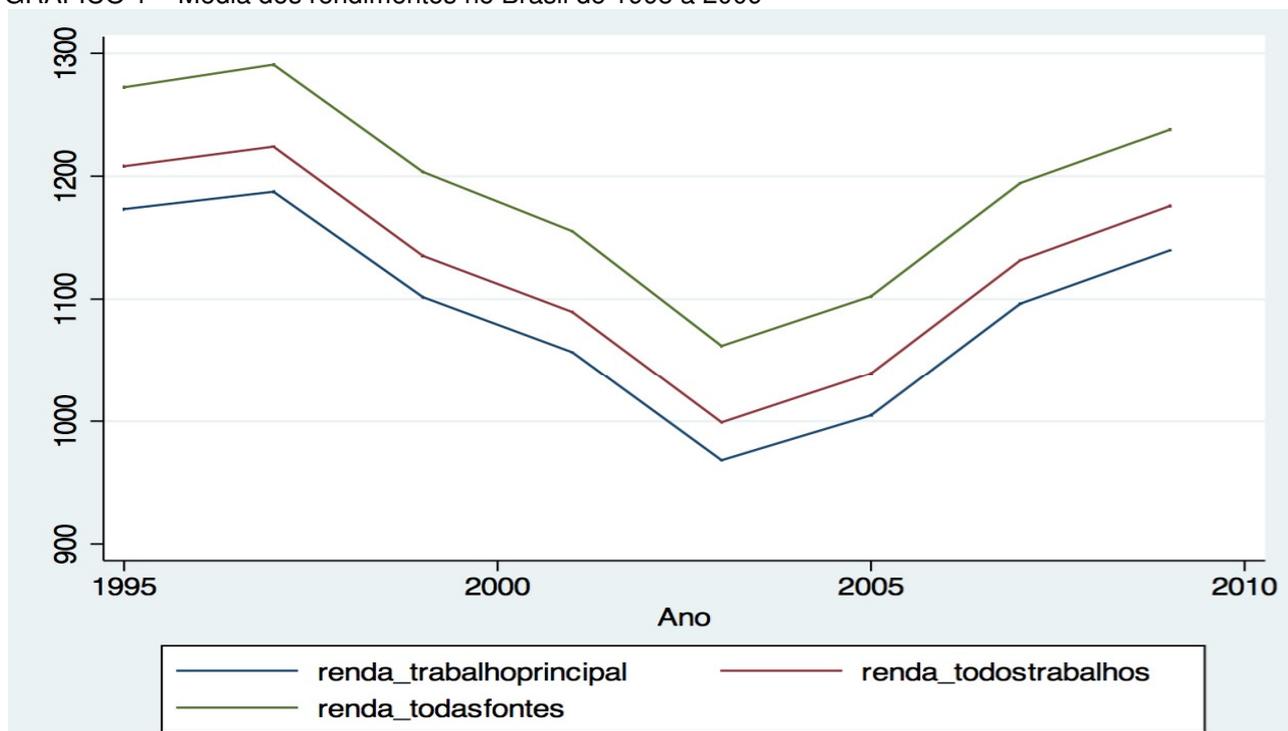
4. RESULTADOS

As análises de dinâmica dos rendimentos por meio de componentes permanente e transitório apresentam resultados importantes à medida que o comportamento desses componentes pode estar relacionado a diferentes questões sociais, tais como bem-estar dos indivíduos, desigualdade de renda, mercado de trabalho, entre outras questões (BARTELS; BONKE, 2010; JENKINS, 2011a; RAMOS, 2003; HAIDER, 2001).

Antes de focar na questão dos rendimentos permanente e transitório, buscou-se verificar a trajetória dos rendimentos médios no Brasil (gráfico 1). Tal análise baseia-se em três diferentes tipos de rendimento, renda mensal do trabalho principal, renda mensal de todos os trabalhos e rendimento mensal de todas as fontes.

O que se verificou foram trajetórias opostas nos dois períodos analisados, pois o comportamento do rendimento real médio apresentou tendência declinante até 2003, e a partir deste ano até 2009 a trajetória verificada foi de aumento nos rendimentos.

GRÁFICO 1 – Média dos rendimentos no Brasil de 1995 a 2009



FONTE: PNAD/IBGE. Elaborado pelo autor.

Os resultados da decomposição dos rendimentos no Brasil também apresentaram diferenças entre os dois períodos (Tabela 2). O principal ponto a ser destacado é que, tanto a variância transitória quanto a variância permanente diminuíram do período 1995-2002 para o período 2003-2009, sendo a redução da variância transitória marginalmente maior do que a redução da variância permanente.

TABELA 2 – Decomposição dos rendimentos em componentes permanente e transitório no Brasil

Variável	Variância permanente				Variância transitória			
	1995-2002	2003-2009	Alteração	Variação percentual	1995-2002	2003-2009	Alteração	Variação percentual
Log da renda do trabalho principal	0,8058	0,713	-0,0928	-11,52%	0,8136	0,7052	-0,1084	-13,32%
Log da renda de todos os trabalhos	0,8229	0,7296	-0,0933	-11,34%	0,8313	0,7224	-0,1089	-13,10%
Log da renda de todas as fontes	0,8503	0,74	-0,1103	-12,97%	0,859	0,732	-0,127	-14,78%

FONTE: PNAD/IBGE. Elaborado pelo autor.

Bartels e Bonke (2010) afirmam que a variância permanente e a desigualdade permanente podem ser tratadas como sinônimos, assim como variância transitória está relacionada à instabilidade e volatilidade de renda. Desse modo, a queda nas variâncias indica uma maior estabilidade na renda dos indivíduos e queda mais permanente da desigualdade de renda.

Ramos (2003) acrescenta que a diminuição de ambas as variâncias mostra que a tendência de alta verificada nos rendimentos, e a conseqüente queda na desigualdade de renda, é duradoura e não somente resultado de choques aleatórios (RAMOS, 2003).

A relação positiva entre a queda nos componentes permanente e transitório, e a queda na desigualdade de renda está em consonância com a literatura internacional (BAKER; SOLON, 2003; BARTELS; BONKE, 2010; GOTTSCHALK; MOFFIT, 1994). No entanto o que se verifica em análise aplicadas a nível internacional são elevações nos componentes, acompanhados de aumento nos níveis de desigualdade de rendimentos.

A redução das variâncias pode ser estar associada também a flutuações ocorridas no mercado de trabalho. Assim como em Beach et al. (2010), a trajetória dos componentes reflete as transições nos níveis de emprego. Mostrando que a queda na taxa de desemprego no período 2003-2009 pode explicar a queda nas variâncias transitória e permanente nesse período.

Um ponto abordado por Jenkins (2011a) é que pode se associar o componente transitório com noção de bem-estar. Dessa forma pode se auferir que a população foi positivamente impactada pela diminuição do risco associado a um componente transitório em queda. Porém, tal assertiva somente é válida quando se pressupõe que os indivíduos são avessos ao risco, assim quanto mais elevado o risco menor tende a ser o nível de bem-estar dos indivíduos.

Auxilia na explicação dos resultados encontrados, o momento pelo qual passava a economia durante os períodos analisados. Primeiro período marcado por crises externas, inflação elevada num primeiro momento, e baixa taxa de crescimento da economia. Fatores estes que contribuíram para que, tanto o componente transitório como o componente permanente, apresentassem valores mais elevados nesse período.

Também no período 2003-2009, os fatores macroeconômicos podem explicar a queda nas variâncias transitória e permanente. A taxa de desemprego em queda, inflação sob controle, elevação real do salário mínimo e retomada do crescimento econômico indicam uma tendência de estabilidade nos rendimentos, verificada a partir da queda nas variâncias.

Com relação aos diferentes tipos de rendimentos analisados, os resultados mostraram uma variância menor para o rendimento do trabalho principal e mais elevada para o rendimento proveniente de todas as fontes, indo assim ao encontro do que se esperava de tais formas de rendimento. Uma vez que o rendimento do trabalho tende a ter uma variação inferior àquele derivado de todas as fontes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo principal analisar a dinâmica dos rendimentos e da desigualdade de renda no Brasil, considerando que a renda pode ser subdividida em dois componentes, um transitório e outro permanente. O componente permanente reflete alterações de longo prazo na renda, enquanto o transitório aponta para alterações nos rendimentos provenientes de choques aleatórios.

Para se alcançar o objetivo indicado utilizou-se uma decomposição dos rendimentos utilizando os dois componentes citados acima. Esta metodologia foi proposta por Gottschalk e Moffitt (1994) e permite não somente analisar a dinâmica dos rendimentos, mas também fazer inferência a respeito do comportamento da desigualdade de renda.

Os resultados encontrados apresentaram significativas diferenças em ambos os períodos, tanto para a análise descritiva da desigualdade de renda e dos rendimentos médios como para dinâmica dos componentes transitório e permanente.

No período inicial, 1995-2002, verificou-se uma tendência declinante nos rendimentos médios; para as três formas de rendimento analisadas, neste período, a desigualdade de renda, mensurada pelo índice de Gini, pouco se modificou. Já no período seguinte, tanto a trajetória dos rendimentos como a da desigualdade foi distinta, dado que, neste período, os rendimentos médios apresentaram elevação, e o índice de Gini diminuiu com mais intensidade.

Com relação à decomposição dos rendimentos em componentes permanente e transitório, os resultados mostraram que, tanto a variância transitória, quanto a variância permanente, diminuíram do período 1995-2002 para o período 2003-2009, sendo a redução da variância transitória marginalmente maior do que a redução da variância permanente.

Essa queda de um período para o outro pode ser explicada por uma maior estabilidade da economia brasileira durante os anos 2003-2009, com queda nas taxas de desemprego, aumento real do salário mínimo e maior preocupação por parte das instituições com questões sociais, como desigualdade, pobreza

e educação.

Apesar das restrições impostas pela base de dados, e, conseqüentemente, pela metodologia empregada, os resultados são sustentados por fatos ocorridos na economia brasileira e internacional, sendo condizentes com aqueles resultados encontrados em trabalhos que utilizam metodologias mais elaboradas, uma vez que estes associam seus resultados a fatos estilizados da economia em questão.

BIBLIOGRAFIA

- BAKER, MICHAEL; SOLON, Gary. Earnings dynamics and inequality among Canadian Men, 1976-1992: Evidence from longitudinal income tax records. **Journal of Labor Economics**, v. 21, n. 2, p. 289-321, 2003.
- BARTELS, Charlotte; BÖNKE, Timm. German male income volatility 1984 to 2008: trends in permanent and transitory income components and the role of the welfare state. **Discussion paper**, Berlin, Department of Economics, Free University, 2010.
- BARTELS, Charlotte; BÖNKE, Timm. Can households and welfare states mitigate rising earnings instability? **Review of Income and Wealth**, v. 59, n. 2, p. 250-282, 2013.
- BEACH, Charles M.; FINNIE, Ross; GRAY, David. Long-run inequality and short-run instability of Men's and Women's earnings in Canada. **Review of Income and Wealth**, v. 56, n. 3, p. 572-596, 2010.
- CAPPELLARI, Lorenzo. The dynamics and inequality of Italian Men's earnings: Long-term changes or transitory fluctuations? **Journal of Human Resources**, v. 39, n.2 pp. 475-499, 2004.
- CURADO, Marcelo. Uma avaliação da economia brasileira no Governo Lula. **Economia & Tecnologia**, volume especial, p. 91-103, 2011.
- DEATON, Angus. Panel data from time series of cross-sections. **Journal of Econometrics**, n. 30, p.109-126, 1985.
- DYNAN, Karen; ELMENDORF, Douglas; SICHEL, Daniel. The evolution of household income volatility. **The B.E. Journal of Economic Analysis & Policy**, v. 12, n. 2, p. 1935-1682, Dec. 2012.
- FIRPO, Sergio P; GONZAGA, Gustavo; NARITA, Renata. Decomposição da desigualdade de renda no Brasil em efeitos idade, período e coorte. **Pesquisa e planejamento econômico**, v. 33, n. 2, p. 211-252, 2003.
- FRIEDMAN, Milton. **A Theory of the Consumption Function**. Princeton: Princeton University Press, 1957.
- GIAMBIAGI, F. et al. **Economia Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- GOTTSCHALK, Peter; MOFFITT, Robert. The growth of earnings instability in the U.S. labor market. **Brookings Papers on Economic Activity**, n. 2, p. 217-254, 1994.
- GOTTSCHALK, Peter; ZHANG, Sisi. Changes in the transitory variance of income components and their impact on family income instability, **Mimeo**, 2010.
- GUSTAVSSON, Magnus. A new picture of Swedish earnings inequality: Persistent and transitory components, 1960-1990. **Review of Income and Wealth**, v. 54, n. 3, p. 324-349, 2008.
- HAIDER, Steven J. Earnings instability and earnings inequality of males in the United States: 1967-1991. **Journal of Labor Economics**, v.19, p. 799-836, 2001.
- JENKINS, Stephen P. **Changing Fortunes: Income mobility and poverty dynamics in Britain**. New York: Oxford University Press, 2011a.
- JENKINS, Stephen P. Has the instability of personal incomes been increasing? **National Institute Economic Review**, n. 218, p. 33-43, Oct. 2011b.
- KATZ, Lawrence F; AUTOR, David H. Changes in the wage structure and earnings inequality. In: ASHENFELTER, Orley; CARD, David. (orgs). **Handbook of Labor Economics**, Elsevier Science Pub. Co; Amsterdam, 1999. p. 1463-1555.
- MOFFITT, Robert; GOTTSCHALK, Peter. Trends in the transitory variance of earnings in the United States. **The Economic Journal**, v.112, n. 478, p. 68-73, Mar. 2002.
- NERI, Marcelo. **A nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.
- PISTOLESI, Nicolas. Income and consumption risk: Evidence from France. **Annals of Economics and Statistics**, n. 113-114, p. 347-377, Jun. 2014.
- RAMOS, Xavier. The covariance structure of earnings in Great Britain, 1991-1999. **Economica**, v. 70, p. 353-374, 2003.
- SHIN, Donggyu; SOLON, Gary. Trends in men's earnings volatility: what does the panel study of income dynamics show? **Journal of Public Economics**, v. 95, p. 973-982, 2011.
- TRENTINI, Claudia. Earnings inequality and macroeconomic instability in Argentina: a cohort analysis. In: EUROPEAN ECONOMIC ASSOCIATION & ECONOMETRIC SOCIETY, 2007, Hungary.
- ZILIAK, James P; HARDY, Bradley; BOLLINGER, Christopher. Earnings volatility in America: evidence from matched CPS. **Labour Economics**, v. 28, p. 742-754, 2011.